

A Cimeira de Copenhaga e os comentários dos leitores às notícias da TSF *online*

Marisa Torres da Silva

Jornalista

Resumo:

Este artigo observa o lado da recepção da mensagem jornalística, uma área pouco explorada no estudo dos media e do jornalismo. Tem como propósito analisar discursivamente os comentários dos leitores às notícias da TSF online sobre a Cimeira de Copenhaga. Verificou-se que a linguagem utilizada prima pela coloquialidade e imediatismo, que os cibernautas tendem ao anonimato ou à assunção de outras identidades, que a argumentação presente demonstra uma clara divisão entre o *nós* português e o *eles* comunitário e que os utilizadores revelam uma tendência para se dispersarem por outros temas que não o assunto principal.

Palavras-chave:

Recepção de notícias; Internet; Interação; Identidade; União Europeia.

Introdução

Este artigo pretende observar o modo como os utentes dos media se apropriaram de um acontecimento particular – a Cimeira europeia de Copenhaga, nos passados dias 12 e 13 de Dezembro de 2002 – através de uma análise discursiva dos comentários dos leitores às notícias publicadas na secção “Comente esta notícia” da TSF online (www.tsf.pt) a propósito desse evento. Coloca-se a seguinte questão: “O que farão as pessoas, situadas na sociedade de maneiras diversas, com experiências, oportunidades, habilitações, competências e necessidades diferentes, com o que os media e as outras fontes, acessíveis a elas, fornecem?” (Halloran, 1998: 19).

O período de análise dos comentários dos cibernautas incide nos dois dias em que decorreu a Cimeira, dado ser a altura de maior intensidade de cobertura jornalística online e, conseqüentemente, de maior actividade em termos de opiniões dos leitores. Foram encontrados, ao todo, 107 comentários.

Do ponto de vista do género jornalístico, estas opiniões são textos de comentário, escritos por instâncias autorais externas ao meio de comunicação social, onde a interpretação e a opinião são deliberadas. Na definição de Martinez Albertos, estes textos “não trabalham directamente sobre factos, não têm a finalidade rigorosamente informativa de transmitir dados. Trabalham sobre ideias, deduzem conseqüências lógicas, culturais, filosóficas, etc., de acontecimentos mais ou menos actuais” (Albertos, 1974: 139).

Para uma observação qualitativa destes comentários, propõe-se a utilização de vários vectores ou linhas de análise, designadamente o estilo da escrita na Internet (tipo de pontuação, linguagem, expressões utilizadas, abreviaturas, repetições, metáforas), a utilização da primeira pessoa, as formas de identificação dos leitores e os modos de argumentação. Na referência a alguns exemplos, manteve-se a escrita original e gramática dos textos (mesmo que contivessem incorrecções de vária ordem), com o objectivo de tornar mais visível a especificidade da escrita dos mesmos.

A análise centrou-se sobretudo nas opiniões dos leitores que versassem sobre o conflito entre o “olhar nacional” e o “olhar comunitário”, ou seja, que incidissem sobre as reivindicações portuguesas apresentadas em Bruxelas e as tomadas de posição do Governo português.

Estes comentários representam cerca de 58% da totalidade das opiniões, sendo que os restantes incidem sobretudo sobre a eventual adesão da Turquia à União Europeia e o estabelecimento de uma data para as negociações. A opção pelas opiniões dos leitores que tivessem como assunto principal Portugal versus União Europeia prendeu-se com o facto de, para além de representarem a maioria dos comentários sobre o acontecimento, permitir a verificação da existência ou não de uma espécie de corporativismo nacional em relação às decisões comunitárias.

O jornalismo, enquanto construção social, resulta de diversas interacções entre vários agentes sociais. Por um lado, os jornalistas interagem com as fontes de informação; por outro, os jornalistas interagem com eles próprios, enquanto membros de uma comunidade que comunga de uma identidade profissional, constituída por normas, valores e cultura. Por fim, os jornalistas interagem também com a sociedade, partilhando com ela “formas de vida”, para utilizar a terminologia wittgensteiniana, isto é, uma plataforma a priori comum para as acções e comportamentos humanos.

“O discurso dos media influencia também o domínio privado das práticas discursivas, oferecendo modelos de interacção conversacional na vida privada

(...). Parece existir uma dialéctica complexa entre os media e o discurso conversacional da vida de todos os dias” (Fairclough, 1995: 65).

Com efeito, uma das funções principais dos media tem sido proporcionar um fórum, no qual os diferentes grupos sociais se possam expressar. “Os media funcionam ao nível social criando um *ethos* social e climas de opinião. Podem fazer emergir significados, conferir *status* ao aprovar ou desaprovar, oferecer modelos de identificação, definir problemas, sugerir soluções, oferecer linhas orientadoras determinadas, etc. Podem efectivamente controlar o diálogo político e social ao determinarem a agenda, organizando prioridades e convidando os intervenientes a participar” (Halloran, 1998: 17 e 18). Nesse sentido, o acto de informar é um “acto de transacção” (Charaudeau, 1997: 41): o objecto que circula entre os interlocutores corresponde a um determinado saber. A linguagem constrói-se através de uma intersubjectividade e é ao falar com o outro que o mundo é comentado, ou seja, descrito e estruturado.

A comunicação social é um assunto demasiado sério para ser deixado apenas a cargo dos profissionais de informação. Os diferentes grupos sociais devem ter a possibilidade de exprimir os seus pontos de vista sobre as grandes questões da actualidade.

Também no ciberespaço, os diversos indivíduos partilham experiências através de formas variadas de comunicação e de modos de representação. Nesse sentido, a Internet é um meio através do qual a ligação entre os meios de comunicação social e os leitores é evidente, oferecendo a possibilidade de resposta e de comentário por parte dos cibernautas e possibilitando eventualmente uma maior interacção entre os jornalistas e os utentes dos media, ou seja, entre os “news assemblers” e os “news consumers” (Molotch e Lester, 1993: 38).

A relação entre ambos torna-se, por isso, mais activa, sendo que o leitor comum pode não se limitar a receber o que lhe é transmitido, passando a poder ter uma maior intervenção no circuito das notícias, através da potencialidade para fazer sugestões e comentar as informações veiculadas pelos profissionais. Os leitores têm uma exigência e uma expectativa cada vez maiores no diálogo com os vários sectores da empresa jornalística, vendo o meio de comunicação social como uma fonte de informação complementar que estabelece a ponte para outras fontes de informação, e como uma plataforma aberta de diálogos, onde o utente tem a possibilidade de procurar e encontrar interlocutores personalizados.

Os fóruns, os quadros de discussão ou a secção para comentar as notícias online são todos meios da Internet através dos quais é possível transpor o fosso que separa o emissor do receptor da mensagem jornalística, sendo que a figura abstracta e de definição imprecisa do leitor ganha consistência através destes veículos de diálogo.

De facto, na Internet, “pode recorrer-se a tecnologias capazes de permitir o estabelecimento de uma grande interactividade, que não só articula a informação entre si – através da hiperligação que tende a excluir a narrativa linear, abrindo-a com simples cliques de rato – mas permite também, integrando a possibilidade do debate ou do comentário, interagir com um leitor que já não é, ou já não pode ser, meramente passivo” (Bebiano, 2000: 125 e 126).

Através da Web, o indivíduo interage, então, com o computador. “A capacidade de ‘ler’ num medium significa que podemos aceder a materiais e ferramentas criados por outros. A capacidade de ‘escrever’ num medium significa que podemos criar materiais e ferramentas para outros. Na escrita impressa, as ferramentas criadas são retóricas; elas demonstram e convencem. Na escrita de computador, as ferramentas criadas são processos; elas simulam e decidem” (Kay, in Laurel, 1990: 193).

Segundo Esteves, “são os movimentos de interacção, enquanto regras de conduta, que ordenam os actos comunicativos (...). A realidade do Eu é constituída na interacção e, nesta medida, depende da capacidade expressiva de cada um” (1991: 57). O contexto da interacção com o computador, uma componente incontornável do próprio processo de configuração e compreensão da comunicação cibermediada, consiste no conjunto das circunstâncias sociais, materiais, culturais e simbólicas, nas quais uma determinada tarefa ou prática tem sentido, enquanto processo de influência recíproca e meio de ligação entre os seus participantes.

O texto na Internet tem alguns traços muito peculiares em relação ao texto impresso: “primeiro, é intertextual devido à presença de *links*. Segundo, raramente tem a linearidade dos textos mais convencionais. Terceiro, o leitor transforma-se no autor, de certa forma, ou selecciona activamente que *links* quer seguir. Quarto, a Internet é um texto multimedia. Quinto, abrange várias pessoas, apesar do acesso e da linguagem. Sexto, a Internet caracteriza-se pela natureza efémera dos seus textos e ficheiros” (Wakeford, in Gauntlett, 2000: 33).

Também Nicholas Negroponte chama a atenção para esta capacidade que o mundo digital tem de possibilitar o acesso a outros textos através de um clique, sublinhando assim o seu carácter multidimensional e distinto da escrita para o papel: “Num livro impresso, as frases, os parágrafos, as páginas e os capítulos seguem-se uns aos outros segundo uma ordem determinada não só pelo autor como também pela estrutura física e sequencial do próprio livro. Se bem que um livro possa ser consultado de forma aleatória e os nossos olhos possam percorrer as páginas ao acaso, tem contudo limites fixados para todo o sempre pelas três dimensões físicas. No mundo digital não é este o caso. O espaço da informação não está de modo nenhum limitado às três dimensões. Uma expressão de uma ideia ou uma sequência de pensamento pode incluir uma rede

multidimensional de apontadores (*pointers*) que encaminham para pormenorizações e argumentos adicionais, os quais podem ser invocados ou ignorados (...) A interacção está implícita em todo o multimedia.” (Negroponte, 1996: 78 e 79).

A Cimeira de Copenhaga, a TSF online e a análise das mensagens

A Cimeira de Copenhaga reuniu, durante os dias 12 e 13 de Dezembro de 2002, os chefes de Estado da União Europeia, com o objectivo de concluir as negociações para a adesão de dez novos estados-membros, prevista para 2004. Os respectivos governos acordaram que a União Europeia terá 25 estados-membros a 1 de Maio de 2004, permitindo à Polónia, Hungria, República Checa, Eslováquia, Eslovénia, Estónia, Letónia, Lituânia, Malta e Chipre encerrar formalmente um longo processo de preparação para a adesão iniciado há mais de dez anos. A Roménia e a Bulgária deverão aderir em 2007, enquanto a Turquia, um dos dossiers mais sensíveis e menos consensuais deste Conselho Europeu, será avaliada em Dezembro de 2004, altura em que lhe será permitido iniciar as negociações de adesão, desde que os critérios políticos considerados necessários sejam respeitados.

A Cimeira foi assim globalmente considerada pelos media como “histórica”, por formalizar o quinto e o mais ambicioso alargamento de sempre da União Europeia: a passagem de 15 a 25 membros.

No que diz respeito a Portugal, o país pretendia aumentar os apoios comunitários à produção de bovinos e as quotas de produção nos sectores subvencionados pela União Europeia do leite, açúcar, algodão, trigo duro e milho, mas os Quinze apenas se comprometeram a analisar a situação de desfavorecimento do país relativamente à PAC (Política Agrícola Comum), sem assumirem uma concretização da lista dos pedidos concretos apresentada pelo Governo português em Bruxelas.

Após esta breve exposição das principais conclusões da Cimeira, é tempo de observar a fisionomia do meio de comunicação objecto de análise, isto é, a TSF online.

Este site de informação generalista entrou em funcionamento a 27 de Abril de 2000, com uma direcção editorial independente da TSF Rádio. Apesar da colaboração entre as duas redacções, tratava-se de um projecto autónomo, orientado para a Internet e que contava com uma equipa bastante jovem. Uns meses depois, devido a uma crise na direcção, deu-se uma mudança ao nível da linha editorial, assim como uma remodelação gráfica, o que deu lugar a um aumento de quadros e à ampliação da capacidade informativa do site.

Em termos jornalísticos, a TSF online está organizada em várias secções, permitindo a pesquisa no arquivo de artigos já publicados. Na primeira página, na parte superior, há sempre três manchetes com fotografia, um lead e um *link* para se ler o resto da notícia. Segue-se uma área dedicada às notícias mais recentes (as “últimas”) e, mais em baixo, às menos recentes (“passou na TSF online”), bem como a zona de programas e entrevistas da TSF.

Mas é no que toca à interacção com os leitores que reside a especificidade e a mais-valia deste site, se o compararmos com outros jornais digitais, como por exemplo o Diário Digital (www.diariodigital.pt). Pela sua própria natureza, o jornalismo digital ou o ciberjornalismo possui características que o diferenciam de outros tipos de jornalismo, designadamente a possibilidade de uma maior interacção entre o jornalista e o seu leitor. Com o preâmbulo “Estamos receptivos às suas críticas”, a secção “Fale connosco” da TSF online cria um espaço de recepção de emails dirigidos à Direcção Editorial, à redacção e à publicidade e, através da secção “Diga lá”, o leitor pode fazer a sua votação em temas de interesse genérico. Também no “Fórum TSF”, o utilizador tem a possibilidade de opinar sobre assuntos da actualidade.

O foco do presente trabalho são, contudo, as opiniões dos cibernautas sobre todo e qualquer artigo publicado. No final de cada notícia, através da secção “Comente esta notícia”, é possível ao leitor transmitir a sua opinião sobre o tema, bem como ver e responder aos comentários dos outros utilizadores.

A secção “Comente esta notícia” da TSF online exprime com clareza todas as particularidades da Internet, no que diz respeito à interacção entre os jornalistas e os seus leitores: os diferentes grupos sociais, independentemente do espaço físico em que se localizam, têm a oportunidade de expressar a sua opinião e de partilhar as suas experiências com os diversos interlocutores. Em relação ao acontecimento específico da Cimeira de Copenhaga, os cibernautas, através do *link* correspondente, puderam trocar opiniões com os outros utilizadores e transmitir a sua própria visão sobre o evento e as suas implicações, bem como emitir críticas em relação à própria notícia.

Em termos gerais, não se verificou, no entanto, uma interpelação directa ao trabalho jornalístico nesses comentários (rectificação ou crítica de uma peça jornalística), exceptuando o caso de uma opinião relativamente à notícia de 13 de Dezembro (13h48), intitulada “Portugal ‘bate o pé’ na questão da agricultura”: «*Querem a enganar quem? Deviam ter vergonha, esta é uma notícia só para consumo interno, e com a ajuda desta TSF. Eles não nos ligam nada, a não ser para dizer cuidado com o déficit, apertem o cinto (...)*» (comentário não identificado, em 13/12/02, às 14h14). O leitor transmite a ideia de que a TSF online funciona aqui como um coadjuvante ao governo português, ao publicar uma notícia que dá uma visão positiva e de força do poder político nacional em Copenhaga.

Por outro lado, este comentário ilustra razoavelmente o tipo de escrita e de expressões utilizadas na Internet. A linguagem tende a ser mais coloquial, menos cuidada, mais imediata ou instantânea. Algumas destas características tendem também, aliás, a estar presentes no próprio discurso jornalístico online. Jakob Nielsen e John Morke (1997), através de vários estudos, chegaram à conclusão que os leitores da Web não esperam ver textos muito desenvolvidos sobre um determinado tema, mas sim textos com informação concisa e escrita simples. Com efeito, é possível observar-se que as notícias da TSF online são normalmente textos de dimensão reduzida, com títulos informativos, parágrafos curtos, incluindo *links* que dão acesso a textos com informações complementares no que toca a um determinado tema.

Os comentários sobre a Cimeira de Copenhaga – no total, 107 opiniões, nos dois dias em que decorreu o acontecimento – contêm uma linguagem extremamente informal, que frequentemente utiliza abreviaturas de palavras, repetições de termos, uma pontuação marcada pelos pontos de exclamação, de interrogação e reticências, expressões coloquiais (*gíria* e *calão*) e por vezes erros ortográficos, de acentuação e gramaticais.

Vejamos alguns exemplos: «*viva à competitividade nacional!!! alargamento = menos massa de Bruxelas para Portugal? nao... se a coisa correr mal a malta lança logo uma greve geral a la cgtp que eles la em Bruxelas cagam-se todos e mandam logo o resto da massa aqui para nos. todos à greve... quanto mais greve mais competitivos!*», em 12/12/2002 às 13h13 (comentário não identificado a uma notícia do mesmo dia, às 7h38); «*total concordancia com o Joao. e acrescento que com ou sem planos de reforma da PAC... o agricultor português que se capacite... a mama acabou. enquanto ouve mama os outros aproveitaram e nos nao – ponto final*» (comentário de concerteza, 12/12/2002, às 13h21).

Este tipo de linguagem não é compatível com as cartas publicadas na secção “correio dos leitores” na imprensa escrita: em geral, estes textos são seleccionados previamente, raramente ultrapassam o círculo de chefia dos jornais, sendo muitas vezes sujeitas a cortes. Por outro lado, o próprio estilo de escrita dirigida a um jornal difere em muito do estilo de escrita de quem escreve um comentário a uma notícia online, num fórum ou num “chat”: os meios e as expectativas de uma e de outra são distintas, tendo como consequência resultados diferentes. A linguagem das cartas publicadas na imprensa escrita é muito cuidada, os argumentos são solidamente construídos, a gramática, ortografia e pontuação estão correctas, o que não se verifica nos comentários encontrados às notícias da TSF online à Cimeira de Copenhaga.

A coloquialidade destas últimas opiniões está também presente na forma como os leitores expõem os seus pontos de vista, em termos argumentativos. Expressões como “*porque... porque*”, “*digam lá*”, “*e ponto final*”, “*é isto*” ou “*afinal*”,

quem é que...” estão muito próximas do tipo de argumentação utilizada na linguagem oral. Os pontos de exclamação, de interrogação e as reticências imprimem, além disso, vivacidade e dinamismo aos textos.

Outra das características destes comentários sobre a Cimeira de Copenhaga consiste na não identificação dos seus sujeitos, em grande parte das opiniões, ou na utilização de *nick names* ou assunção de outras identidades. Com efeito, no ciberespaço, a identidade acaba por ser uma performance ou um jogo, que se constrói à medida das interações estabelecidas.

Nesse sentido, “a Internet possibilita que pessoas com os mesmos gostos formem comunidades, independentemente da sua situação geográfica no mundo físico” (Gauntlett, 2000: 13), permitindo “juntar utilizadores de culturas diferentes, que falam línguas distintas ou têm expectativas sociais diversas” (Schneiderman e Hochheiser, 2001) e fazendo emergir uma espécie de consciência interpessoal. “Do mesmo modo que o hipertexto afasta as limitações da página impressa, a era pós-informação afastará as limitações da geografia. A vida digital trará consigo uma dependência cada vez menor de um lugar específico num momento específico, e a própria transmissão do lugar começará a tornar-se possível” (Negroponte, 1996: 175).

Faz todo o sentido falar no conceito de “interacção anónima”, ou seja, os interlocutores criam uma realidade do Eu à distância (o que, de certa forma, contraria a noção de interacção de Goffman como um acto comunicativo que exige a presença face a face dos interlocutores), permitindo-lhes o desenvolvimento de outras identidades ou mesmo a obliteração da sua identificação. “Uma vez que os participantes não se podem ver uns aos outros, e não são obrigados a revelar o seu nome verdadeiro nem a sua localização física, existe uma oportunidade considerável para as pessoas revelarem segredos, discutir problemas, ou até assumir ‘identidades’ que nunca assumiriam no mundo real” (Gauntlett, 2000: 14).

Na totalidade dos comentários encontrados acerca do Conselho Europeu, apenas 36% estão identificados com o nome próprio, nome próprio e apelidos, apelido, iniciais ou *nick name* e 23% correspondem a uma identificação pelo nome próprio, nome e apelidos ou só apelido. Além das opiniões não identificadas, há ainda o caso curioso de um comentário assinado sob o nome “anónimo” (em 12/12/02, às 23h37), que exprime a relutância em imprimir uma marca autoral ao texto.

Esta potencialidade para a não identificação ou para a assunção de outras identidades característica da escrita na Internet não é possível na imprensa, designadamente na secção destinada à publicação das cartas dos leitores. Uma das regras que os jornais estabelecem para a publicação dessas cartas consiste na indicação do autor e da sua localização física. Mas o facto de o

leitor não ter que estar vinculado ao nome a que corresponde a sua verdadeira identidade confere-lhe uma maior liberdade de expressão e permite-lhe fazer certas afirmações que provavelmente nunca faria na imprensa escrita. O cibernauta tem, por isso, um maior espaço de manobra para exprimir a sua opinião.

Uma outra particularidade encontrada nestes comentários, e que é própria do jornalismo online, é a questão temporal. No que diz respeito às peças jornalísticas propriamente ditas na TSF online, observa-se uma maior rapidez e imediatismo na transmissão dos acontecimentos. Uma vez que a publicação online funciona em termos contínuos, há uma necessidade de actualizar permanentemente a informação, de modo a conferir dinamismo e velocidade ao site e respondendo às próprias necessidades dos leitores.

Da mesma forma, a distância temporal entre a publicação da notícia e os respectivos comentários dos utilizadores é muito curta: se uma peça jornalística é publicada, por exemplo, às 14h30, a resposta do leitor é imediata (em geral, aparece meia-hora depois, mas esse tempo é variável) e as outras opiniões vão surgindo ao longo do dia. Quando surge uma nova notícia ou uma actualização, o ciclo de comentários a essa peça fecha-se, iniciando-se um novo, e assim sucessivamente.

No que diz respeito à argumentação presente nos comentários, apesar de uma atitude muito crítica generalizada em relação à actuação do governo português, verifica-se uma tendência para a utilização constante da primeira pessoa do plural, quando há uma referência a Portugal, e da terceira pessoa do plural, quando se menciona a União Europeia. É interessante observar a forma como os utilizadores portugueses referem o seu próprio país como uma colectividade, uma espécie de “família”, na qual se integram e intervêm como sujeitos activos, em oposição à União Europeia, os “outros”, cujas decisões colocam as reivindicações nacionais em causa. No caso específico da Cimeira de Copenhaga, a disputa de interesses e a oposição entre o “olhar nacional” e o “olhar comunitário” estão, de facto, muito presentes nos comentários dos leitores.

Por um lado, os utilizadores têm em geral uma atitude bastante crítica e mordaz em relação à actuação do governo português em Bruxelas, demonstrando uma certa indignação ou mesmo revolta pelos dirigentes nacionais. A utilização da ironia é frequente, bem como até expressões de carácter ofensivo ou insultuoso.

Eis alguns exemplos: «Este governo português já mete dó! Devem ser alvo de chacota em toda a Europa! Se calhar até no Mundo. Lembrem-se do nosso infeliz 1º ministro ir para os Estados Unidos apoiar o Bush numa guerra contra o Iraque, mesmo antes da ONU se ter pronunciado? Coitado foi fazer figura de parvo. O pior é que nós portugueses, também ficamos com a fama de sermos todos uns parvalhões. Bem, ao fim e ao cabo, se calhar somos mesmo! Acaso não votamos nestes políticos anedotas?» (comentário de Manuel Duarte, em 13/12/02, às 13h15); «Portugal

bate o pé! Terá sido fandango ou modinha da Madeira? Mas que futuro nos espera? Se o que mais teríamos para oferecer era o mar, mar e mar, será que com a cada vez mais obsoleta e reduzida frota pesqueira que vamos sobreviver?» (comentário de António Leal, em 13/12/02, às 16h46).

Os leitores, ao avaliarem a prestação do governo português na Cimeira de Copenhaga, utilizam aquilo a que Patrick Charaudeau denomina como saberes de crença. Estes “dependem de sistemas de interpretação onde, por um lado, se avalia o possível e o provável dos comportamentos em determinadas situações, através de hipóteses e verificações que permitem fazer previsões (...) e, por outro, se apreciam os comportamentos segundo um juízo positivo ou negativo, de acordo com normas que foram estabelecidas socialmente por afirmações que ganharam valor de evidência de pontos de vista diferentes: ético (o que está bem e o que está mal), estético (o que é belo e o que é feio), hedónico (o que é agradável e o que é desagradável), pragmático (o que é útil e o que é inútil, eficaz ou ineficaz) (...)” (Charaudeau, 1997: 42). É através deste tipo de saberes ou deste sistema de interpretações que os utilizadores exprimem as suas opiniões, confrontando-as e discutindo-as com os outros leitores.

Por outro lado, mesmo quando se tratam de críticas negativas em relação aos dirigentes nacionais no Conselho Europeu, o estabelecimento da fronteira entre o “nós” (Portugal) e “eles” (União Europeia) é evidente na maior parte dos comentários, tal como já referido. Aliás, essa presença do “nós” é tão forte que o “eu” (o autor do comentário) é quase obliterado. Expressões como “para nós”, “a malta”, “não passamos de uma cambada de tristes”, “orgulhosamente sós”, “falhámos” ou “lá em Bruxelas” exprimem essa ideia de identidade nacional, em oposição à identidade comunitária.

Mas também é interessante ver a forma como, no que diz respeito às opiniões sobre a adesão da Turquia (geralmente muito críticas e até, em certos casos, de carácter xenófobo), passa a existir, por vezes, um “nós” europeu que é contrário aos “eles” turcos.

Basta observar quatro exemplos: «*A inclusão de um país como a turquia na UE, vai ser o fim da mesma. 1 - Como somos todos impérios, quanto maiores, mais difíceis de governar. Somos 15 neste momento, e não nos entedemos minimamente. Não existe uma união clara. Em política externa a turquia está muito distante da europa. Na NATO a turquia gera imensos problemas. 2 - As diferenças de cultura são abissais. De Europeu, o país não tem nada, à excepção de uns McDonalds que até são americanos. 3 - A ideia de ter turcos a invadir a europa arrepiá-me! Passem uma temporada lá, como eu, e vão entender o q digo. São uns selvagens e porcos, para as mulheres que nem se vêm na rua (...)*» (comentário de Ciccioletta, em 12/12/02, às 19h57); «*Este mouro [referindo-se ao primeiro ministro turco Abdullah Gul] ainda não percebeu que na nossa casa só entra quem é convidado! Não é quem quer! A isto diz-se que não tomou chá em*

pequeno...» (comentário de Europa, em 12/12/02, às 18h42); «(...) *não tem nada a ver com a Europa. Não os queremos cá. Ponto final*» (comentário de Crocodilo, em 12/12/02, às 22h26); «*os Turcos odeiam-nos. Eles só se querem juntar à Comunidade Europeia para nos explorar (...)*» (comentário de Mohamed Batemuna, em 14/12/2002, às 8h08). As expressões “este mouro”, “nossa casa” e “não os queremos cá” são particularmente representativas desse “sentir europeu” que emerge com maior força quando a possibilidade de adesão da Turquia é mencionada e quando a data para as negociações é fixada para Dezembro de 2004.

Verifica-se, por vezes, nos comentários dos cibernautas, uma visão da Cimeira de Copenhaga como um “jogo competitivo”, tal como “o xadrez, um desporto, como o futebol ou o boxe”. Nesta metáfora, muito frequente na cobertura jornalística da guerra, “há um claro vencedor e um derrotado, bem como um final do jogo. Esta metáfora sublinha o pensamento estratégico, o trabalho de equipa, a preparação, os espectadores na arena do mundo, a glória da vitória e a vergonha da derrota” (Lakoff, 1991: 6). Apesar de não se tratar de um acontecimento em que há um vencedor e um derrotado evidentes, determinados comentários apontam para uma concepção da Cimeira como uma competição, na qual se fazem previsões de resultados e se comenta o “final do jogo”. A maior parte dos cibernautas, porém, não considerou Portugal um “vencedor” na Cimeira, adoptando uma atitude crítica generalizada de desconfiança e de desprezo em relação às palavras do primeiro-ministro português, depois das conclusões do Conselho Europeu.

Um outro aspecto digno de nota, no que respeita aos conteúdos destes comentários, é a tendência para haver um desvio do assunto principal – a Cimeira de Copenhaga – para outros temas alvo de preocupação da sociedade portuguesa. Esta é uma marca muito presente na intervenção dos utilizadores no trabalho jornalístico na Internet (tanto nos fóruns, como nas secções “comente aqui”).

A partir de um determinado tópico de discussão, os leitores derivam então para outras matérias paralelas ao centro de debate e, por vezes, o assunto principal é como que esquecido pelos cibernautas, dispersando a atenção por outros temas. No caso da Cimeira de Copenhaga, essa tendência é bem visível, como se observa pelos seguintes exemplos: «*Eu acho que a União Europeia devia subsidiar a construção duma sala de chuto no estádio do Benfica*» (comentário de Paulo Tiago, em 13/12/2002, às 15h34); «*Eu acho uma piada aos comentadores que por aqui passam... este governo está em funções há pouco mais de seis meses e é incompetente e o pior de há 25 anos... mas os grandes governantes foram os socialistas nos anteriores seis anos... Pensem um bocadinho e deixem os clubismos para o futebol*» (comentário de mmartins, em 13/12/2002, às 15h19); «*É notável, ah ah ah. São só notáveis. Agora até para resolver o problema do Parque Mayer vem um arquitecto notável dos EUA. Quem o disse foi o ‘So help me God’ Por cá não há arquitectos notáveis.*»

Nem governantes!!!» (comentário de AV, em 14/12/2002, às 14h46, em relação às declarações de Durão Barroso, relativamente às conclusões da Cimeira de Copenhaga, dizendo que “a Europa fez uma coisa notável”).

O imediatismo da argumentação presente nestes comentários, menos reflexiva e mais emocional, não apresentando o distanciamento necessário para uma maior racionalização da problemática em causa, reflecte-se então não só na linguagem utilizada, mas também nessa propensão para focar assuntos que, muitas vezes, não têm a mínima relação com a temática central.

Considerações finais

Se a imprensa escrita, o jornalismo televisivo e o jornalismo radiofónico são campos de uma riqueza inquestionável na produção de discursos, a Internet é uma área onde essa abundância de significados ainda se torna mais evidente, pelas suas características muito próprias e peculiares. De facto, uma das suas potencialidades consiste em permitir uma maior interacção entre o jornalista e o seu leitor, oferecendo a possibilidade de resposta e de comentário por parte do cibernauta comum. Independentemente do seu espaço físico, os diversos grupos sociais têm a oportunidade de partilhar as suas experiências e visões sobre um determinado tema com os demais interlocutores.

Partindo de um acontecimento particular – a Cimeira de Copenhaga – analisaram-se os comentários às notícias da TSF online sobre o evento, no que dizia respeito à participação portuguesa, observando a especificidade da escrita destes textos, bem como a argumentação predominante nessas opiniões. O tipo de *logo* ou discurso, o seu *ethos*, ou seja, os sujeitos portadores da palavra, e o seu *pathos*, isto é, as estratégias de enunciação ou de portação do *logo*, foram tidas em conta no estudo efectuado.

Em termos formais, foi possível constatar que o género de linguagem utilizada prima pela sua coloquialidade e imediatismo – os exemplos referidos mostram claramente uma utilização intensiva de abreviaturas de palavras, repetições de termos, pontuação expressiva, gíria e calão e, por vezes, erros ortográficos, de acentuação e gramaticais. Este estilo difere em muito do que é normalmente observável na imprensa escrita, onde existe uma preocupação em elaborar uma linguagem mais depurada, organizada e consistente.

Por outro lado, a irrupção caótica de comentários online dá também lugar a uma tendência para a dispersão temática: muitas vezes, os leitores derivam para matérias paralelas ou mesmo desligadas do contexto da Cimeira de Copenhaga, acabando por esquecer o assunto central de debate.

A frequência com que os comentários dos leitores aparecem não identificados ou identificados com os chamados *nick names* foi outra das características

encontradas nestas opiniões sobre a Cimeira de Copenhaga. Tal permitiu concluir que a interacção entre os leitores é marcada pelo anonimato, que a identidade é algo que se vai construindo à medida que essa interacção evolui e que os cibernautas têm, de certa forma, mais liberdade para exprimir as suas opiniões se não estiverem vinculados a um nome específico.

No que toca aos modos de argumentação observados nos comentários acerca do Conselho Europeu, verificou-se uma clara divisão entre o “nós” português e o “eles” comunitário. Essa utilização permanente da primeira pessoa do plural quando Portugal é referido mostra a forma como os leitores assumem a sua identidade nacional em oposição à União Europeia, mesmo quando as críticas ao governo são, também elas, recorrentes e frequentemente marcadas pela ironia.

Portugal e os portugueses são então vistos pelos cibernautas como uma colectividade identitária, com uma cultura e interesses comuns, de certa forma entrando em conflito com a política comunitária. Um sentimento de “família” europeia emerge, porém, quando a possível adesão da Turquia é mencionada. Aí, o “nós” português dá lugar a um “nós” europeu, em oposição ao “eles” da Turquia.

Os comentários às notícias da TSF online sobre o Conselho da Europa em Copenhaga, permitindo observar o modo como os receptores ou o “outro lado” da mensagem jornalística se apropriou de um acontecimento específico, demonstram assim uma enorme complexidade em termos de análise formal e argumentativa. No entanto, foi possível analisar vários pontos convergentes em todos eles, nomeadamente no que diz respeito ao estilo de escrita e ao seu conteúdo. Os exemplos mencionados ao longo do trabalho evidenciam esses traços comuns entre as opiniões dos leitores, num espaço onde as grandes questões da actualidade têm oportunidade de ser debatidas pelos receptores da mensagem jornalística.

Bibliografia

- Albertos, M. (1974), *Redacción Periodística*, Barcelona: ATE.
- Alsina, M. R. (1993), *La Construcción de la Noticia*, Barcelona: Paidós.
- Bebiano, R. (2000), “Cibercultura e Novas Fronteiras da Comunicação Social”, in *Rumo ao Cíbermundo?*, org. C. Leone et al, Oeiras: Celta Editora.
- Charaudeau, P. (1997), *Le Discours d'Information Médiatique*, Paris: Nathan.
- Cohen, J. L. (1996), “The Public Sphere, the Media and Civil Society”, in *Rights of Access to the Media*, ed. A. Sajó e M. Price, Netherlands: Kluwer Law International.
- Esteves, J. P. (1991), “A persuasão na ordem da interacção. Paixão e mistérios do quotidiano na Sociologia de Erving Goffman”, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 14, Lisboa: Edições Cosmos.

- Fairclough, N. (1995), *Media Discourse*, London: Edward Arnold.
- Gauntlett, D. (ed.) (2000), *Web.Studies: Rewiring Media Studies for the Digital Age*, London: Arnold Publishers.
- Halloran, J. D. (1998), "Mass Communication Research: Asking the Right Questions", in *Mass Communication Research Methods*, A. Hansen, S. Cottle, N. Ralph e C. Newbold, UK: Palgrave Macmillan.
- Jensen, K. B. (1993), "El Análisis de la Recepción de Masas como Producción Social de Significado", in *Metodologías Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas*, K. B. Jensen e N. W. Jankowski, Barcelona: Bosch Casa Editorial.
- Lakoff, G. "Metaphor in Politics", www.compapp.dcu.ie/~tonyv/trinity/lakoff-letter.html, by George Lakoff, Dublin: Dublin City University, 1991.
- Laurel, B. (ed.) (1990), *Art of human-computer interface design*, New York: Addison-Wesley.
- Molotch, H. e Lester, M. (1993), "As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos", in *Jornalismo: Questões, Teorias e 'Estórias'*, org. Nelson Traquina, Lisboa: Vega.
- "Concise, Scannable and Objective: How to Write for the Web", www.useit.com/papers/webwriting/writing.html, by J. Morkes e J. Nielsen, 1997.
- Negroponte, N. (1996), *Ser Digital*, Lisboa: Caminho.
- "Universal usability as a stimulus to advanced interface design", <http://www.cs.umd.edu/hcil/pubs/tech-reports.shtml#2001>, by B. Shneiderman e H. Hochheiser, 2001.
- Tuchman, G. (1993), "Métodos Cualitativos en el Estudio de las Noticias", in *Metodologías Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas*, K. B. Jensen e N. W. Jankowski, Barcelona: Bosch Casa Editorial.
- Van Dijk, T. A. (1993), "El Estudio Interdisciplinario de las Noticias y el Discurso", in *Metodologías Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas*, K. B. Jensen e N. W. Jankowski, Barcelona: Bosch Casa Editorial.